

DIA INTERNACIONAL DA AMIZADE

O dia 30 de Julho é o dia consagrado à AMIZADE.

Ai de nós se não tivéssemos a preocupação de, todos os dias, dedicar amizade a muitos e muitas que se cruzam connosco, seja a pessoas da nossa família, do prédio onde vivemos, do local de trabalho ou da localidade onde habitualmente convivemos.

Num mundo cada vez mais conflituoso, quer a nível de países, nações, quer a nível das instituições e dos indivíduos, a amizade deveria imperar em todas as situações, em todo o tempo, para que a paz por todos ansiada, fosse uma realidade e pusesse fim às rivalidades e desentendimentos.

A amizade não pode, apenas, ser entendida histórica e culturalmente como o clima afectivo existente entre duas pessoas que se amam reciprocamente. A amizade extravasa a união amorosa entre duas pessoas.

Entre os Romanos, foi Cícero o grande tratadista da amizade. Chamou-lhe “o sol da vida” e definiu-a como “um mútuo acordo sobre todas as coisas, acompanhado de dedicação (benevolência) e de afecto (caridade). Todos os bens (riquezas, honras, poderes, saúde) são caducos. Só a amizade é perdurável, porque só é possível entre os bons, e estes não são levados nem pela cobiça nem pelas paixões, sendo constantes no bem. Por isso é que a verdadeira amizade é rara, mas quando existe, leva à virtude e é o maior auxiliar dela. É a virtude que forma a amizade e a conserva. Nela se encontra a harmonia, a estabilidade e a constância, e sem isso não pode haver amizade verdadeira.”

As ideias de Aristóteles e de Cícero tornaram-se património universal, passando á tradição cristã através dos Padres da Igreja como Stº Ambrósio, Stº Agostinho e S. Jerónimo, e dos doutores e teólogos como S. Tomás de Aquino e S. Francisco de Sales.

No plano das realidades sobrenaturais é que se encontra a plenitude dos elementos constantes da autêntica amizade. No Novo Testamento, por exemplo, dá-se a revelação da amizade na Pessoa de Jesus Cristo a que podemos chamar de sobrenatural, pois Deus é Amor. A grandeza da amizade cristã está em que ela não torna os homens somente amigos de Deus, mas também irmãos de Jesus e irmãos uns dos outros.

A verdadeira amizade, para os cristãos e para todos os que querem aceitar os valores evangélicos, traduz-se em muitas realidades. Vejamos:

1.VOLUNTARIADO. Ser amigo é contribuir com um trabalho generoso, podendo oferecer novas esperanças a uma sociedade que vive numa crise, talvez uma das maiores da história humana – a presente pandemia.

Numa cultura preocupada com o dinheiro, o trabalho gratuito ao serviço dos outros constitui uma proposta diferente em que o essencial não é o lucro, mas o serviço de amor. O essencial é ir ao encontro das necessidades dos outros, a quem se serve gratuitamente nas áreas em que as pessoas só por si têm dificuldade em obter realização e sucesso; é uma expressão de solidariedade social, no apoio aos mais pobres, aos que mais sofrem, aos que estão sós; é também um processo de realização da pessoa que se dispõe a servir gratuitamente, para o maior bem dos outros; é finalmente um sinal de cidadania pela qual as pessoas dispõem do seu tempo para apoiar programas que dão valores novos à sociedade. Essa intervenção voluntária pode acontecer na acção social como na educação, na arte e na cultura, na saúde e em tantos outros campos onde não basta uma competência técnica, mas é sobretudo necessária uma presença humana para ajudar todos a serem felizes.

Para o cristão, ser voluntário é um acto de amor. De facto, o cristão deve fazer a diferença e pode responder aos graves problemas que a sociedade está a viver hoje, em tempo de pandemia.

O serviço gratuito é a marca do voluntário e a gratuidade não é só económica, é também social, política, cultural, uma vez que, através do trabalho realizado, não se pretende outra coisa senão servir a quem está carenciado. Isto é SER AMIGO. Neste trabalho há, portanto, muita amizade distribuída, muitas vezes, por quem é desconhecido.

De facto, o cristão tem de fazer a diferença em todo o lugar. Profissional ou não, a trabalhar ou na reforma, quaisquer que sejam a idade ou a cultura, o cristão talvez deva descobrir duas ou três horas por semana para oferecer um trabalho gratuito à sua comunidade, à sociedade. É o maior testemunho de que fala S. Paulo VI na “Evangelii Nuntiandi (nº21): “Acolher e compreender toda a gente, ser solidários com os mais pobres, viver em comunhão de vida e de destino com o povo de que se faz parte”.

AMOR. Não se fala aqui do amor recordado no Dia de S. Valentim, Dia dos Namorados – que normalmente traz consequências para a vida das pessoas, consequências negativas quase sempre.

Fala-se, sim, do sentido profundo do verdadeiro amor que consiste em sair de si, para ir ao encontro do outro para o fazer feliz. Um amor que exige o dom, a oferta generosa, a capacidade de dar e receber. Aqui cabe o amor dos esposos e o amor para com o(s) outro(s). Isto é amizade.

CARIDADE. Quem segue Jesus Cristo de perto é necessariamente confrontado com os problemas vividos pelos outros e, de imediato, quer dar-lhes resposta em clima de muita amizade.

São Paulo, nas suas viagens, desafia todos a que se tratem como iguais, a que repartam os pães e se amem como irmãos. Na actualidade, toda a acção da Igreja começa pela promoção humana, procurando os bens necessários para que, libertos das dificuldades, todos possam participar da felicidade a que têm direito.

Guiados pelo Papa Francisco, os cristãos e as pessoas de boa vontade têm o dever de reinventar o amor com iniciativas que respondam às situações concretas.

A AMIZADE não pode ficar por uma bonita e simples palavra. Exige sempre acções concretas.

A AMIZADE conduz à felicidade tanto de quem a dá, como de quem a recebe.

OS VALORES CRISTÃOS são o garante de uma amizade sem limites.

O Papa São João XXIII indicou quais são esses valores: “São a verdade, a justiça, a liberdade e o amor. Sem estes pilares da paz nunca será possível construir uma sociedade justa e fraterna; não será possível haver amizade entre os homens.

O testemunho cristão, que é mais do que o exemplo de vida, consiste, no dizer de S. Paulo VI, em “acolher e compreender toda a gente, ser solidário com os mis pobres e viver em comunhão de vida e de destino com o povo de que se faz parte”.

A FRATERNIDADE conduz à amizade verdadeira.

Só uma sociedade fraterna é uma autêntica sociedade . Somos convidados a ser amigos sem fronteiras. Os cristãos sabem que o Senhor disse: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros” (Jo 13,34); e acrescentou que este amor é exigido como condição indispensável para se ser seu discípulo (Jo 13,35). Temos, por isso, de cultivar os dinamismos da fraternidade: a igualdade, o perdão,, a partilha e o serviço, uma vez que até o Senhor veio não para ser servido, mas para servir e dar a vida (Mc 10,45).

Os mecanismos da fraternidade encontram, assim, a sua expressão máxima no amor sem medida, aquele amor que constitui a síntese de todo o Evangelho, no qual se encerram a verdade, a justiça, a liberdade, para chegar à paz e à amizade entre todos. Se não formos capazes de acolher, amar, servir, perdoar, partilhar, tratar a cada um como irmão, então de nada serve dizer que se é “praticante” ou mesmo um “sacerdote” que fala bem ou que cumpre bem os ritos. Numa comunidade de irmãos, a única coisa importante é mesmo SER AMIGO, AMAR.

A LINGUAGEM DOS GESTOS. Os gestos podem ser caminho que conduz à amizade.

O ser humano é um ser que vive de símbolos. Através de sinais, a pessoa humana comunica com os outros, transmite mensagens, significa alegria ou tristeza, revela sentimentos de ternura ou de ódio, manifesta desprezo ou carinho, abre-se a todos ou fecha-se sobre si mesma mostrando, nas mais pequeninas coisas, o que lhe vai no coração. E como simboliza?

- Pela expressão, uma vez que o rosto é o espelho da alma, nas lágrimas como nos sorrisos;
- Pelas palavras, traduzindo na linguagem tudo o que a inteligência e o coração construírem;
- Pelo beijo, pelo aperto de mão, pelo abraço que podem ser apenas um cumprimento, mas que muitas vezes são um princípio de uma comunhão ou de uma grande amizade que começa.

De muitas formas se apontam os caminhos, se proporcionam cuidados, se abrem perspectivas de esperança, como de outras tantas formas se projectam desesperos, se provocam violências, se matam os sonhos, se fecham as portas de promessas não concretizadas. O ser humano vive de símbolos que acabam por dar sentido à vida e, muitas vezes, ajudam a construir um grande clima de amizade.

A PARTILHA PROVOCA A AMIZADE

A caridade está no centro da vida cristã, é a síntese da espiritualidade evangélica, uma vez que a caridade “tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Cor 13,7).

Nas páginas do Novo Testamento, esta exigência de amor constante e universal constitui a grande norma da vida e da acção. Se não, vejamos:

“Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros(...). Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos” (Jo 13,34-35). O amor é o ponto de partida para uma prática de amizade permanente;

“A fé (...) se não tiver obras, está completamente morta” (Tg 2,17). A fé é adesão à pessoa de Cristo, mas isto implica o amor aos irmãos, um amor prático e visível.

“Faz isso e viverás” (Lc 10,28). O exemplo prático da caridade activa e de um caminho de serviço, é a parábola do samaritano, do homem que, perante o outro homem caído, viu, parou, se aproximou, lhe cuidou das feridas, o levou à estalagem, pagou e se responsabilizou pelo futuro dele.

Esta caminhada pelas páginas do Novo Testamento proporciona-nos as mais diversas formas de exercer uma verdadeira amizade que, para os fiéis cristãos, se chama caridade. Esta comunhão de amor com o outro é o testemunho da comunhão de amor com Deus. Com uma fórmula tão simples, compreende-se que o amor aos outros é o corolário do amor que se tem a Deus.

O ACOLHIMENTO E A TERNURA são irmãos gémeos da amizade.

Perante o acolhimento e a ternura de Deus para connosco, em todas as circunstâncias, todos somos convidados a retribuir essa ternura e acolhimento na relação com os outros. Acolher é muito mais do que atender o outro. No atendimento, não nos comprometemos; quando acolhemos envolvemo-nos no problema do outro e estamos disponíveis para o apoiar em tudo o que ele precise.

A AMIZADE ESTÁ EM CRISE PORQUE HÁ UMA CRISE DE VALORES

Ao folharmos os jornais e vermos os noticiários da TV, não é difícil apercebermo-nos de que se vive em estado de crise, crise que não é apenas devida à presente pandemia, mas sobretudo uma crise da sociedade que se repercute nas famílias, nos grupos sociais e até na própria Igreja. O culto da personalidade sobrepõe-se ao bem comum, a liberdade sem preço substitui a responsabilidade, os jogos de interesse destruíram uma consciência recta, e valores como a dignidade da pessoa, o sentido de serviço ficaram comprometidos. Há valores que se perderam. Eis alguns:

A verdade foi substituída pela conveniência; a justiça deu lugar a um egoísmo quase selvagem; o amor perdeu-se e tudo se reduz ao simples prazer; a paz é procurada por meio de acordos sem consequência; a tolerância tornou-se uma atitude sem valor; a convivência foi reduzida a encontros sociais, em conversas sem qualquer conteúdo; o diálogo converteu-se em monólogo sem resposta.

A crise de destruição de valores só será vencida pela afirmação do amor, da amizade, para a felicidade de todos.

Um abraço de muita AMIZADE para todos(as) os(as) amigos(as).

António Costa Pires

N.B. Não foi seguido o novo acordo ortográfico.